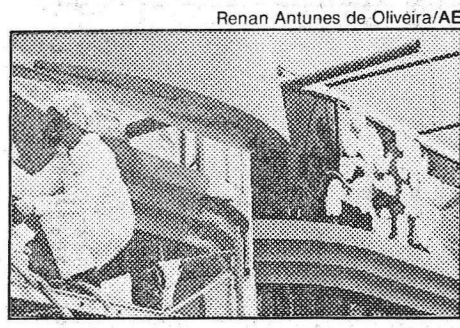




Renan Antunes de Oliveira/AE

**Contra a  
pornografia**  
*Pornografia  
perde  
espaço até  
para a  
Disney em  
Nova York.  
Pág. 3*

**Parque no  
Rio Tietê**  
*Covas  
assina  
convênio  
para parque  
na nascente  
do Rio Tietê.  
Pág. 5*



# Aposta no PAS ainda provoca incerteza

*Críticos temem que prioridade total dada ao projeto leve ao abandono de outras atividades da Secretaria da Saúde, como campanhas de vacinação; administração deve gastar R\$ 695 milhões com programa este ano*

MARCELO VENTURA

A saúde pública de São Paulo está em observação. Cerca de 90% do total reservado à área este ano deve ser gasto com o Plano de Atendimento à Saúde (PAS), até o fim da gestão. A principal discussão na cidade diz respeito à eficiência do programa e à preocupação com a falta de recursos para outras atividades.

A Prefeitura deve gastar R\$ 695 milhões para manter os 14 módulos do PAS em funcionamento até dezembro, segundo o secretário da Saúde, Paulo Roberto Richter. O restante da verba, cerca de R\$ 77 milhões, deve ser dividido em programas de promoção de saúde, prevenção de doenças, campanhas, vacinação e pagamento de funcionários em outras atividades.

"A saúde não é só atendimento hospitalar", afirma o presidente do Sindicato dos Médicos (Simpesp), José Erivaldo Guimarães de Oliveira. Para ele, a administração deixou de lado várias iniciativas por causa do PAS, como a campanha contra a leptospirose e outras. "Algumas continuam — como a da vacinação —, mas em menor escala e qualidade técnica."

**Atendimento** — O PAS começou a funcionar este ano e já está presente em toda a cidade. Atende, em média, a 1 milhão de pessoas por mês, conforme dados da Secretaria Municipal de Saúde (SMS). A proposta da administração é pagar aos cooperados R\$ 10,96 por pessoa cadastrada nos módulos. Como nem todos os interessados no sistema possuem sua carteirinha, a Prefeitura trabalha com estimativas para fazer o pagamento.

Dé acordo com o secretário Richter, quase 50% da população, ou cerca de 5 milhões de pessoas, está "potencialmente cadastrada". A

Prefeitura errou nos cálculos durante a preparação do projeto e, por isso, os gastos consumiram uma fatia maior do orçamento da área.

"Em janeiro, estimávamos que 35% dos paulistanos usariam o sistema", diz Richter. Se isso se confirmasse, a Prefeitura gastaria R\$ 39,2 milhões mensais — R\$ 15 milhões a menos do que paga hoje.

Para a presidente da Comissão de Saúde da Câmara Municipal, vereadora Ana Martins (PC do B), a saúde vem passando por uma "operação desmonte". Segundo ela, a administração não usou todo o orçamento do setor nos três primeiros anos de gestão. "Agora, por causa do PAS, vai usar toda a verba para este ano ou mais", diz. "Saúde não é mercadoria."

**GASTO É  
MAIS QUE O  
DOBRO DO  
PREVISTO**

**Deslocados** — Com o início do funcionamento do plano, muitos servidores não aderiram às cooperativas. Segundo o Sindicato dos Servidores Públicos Municipais, esse número chega a 28 mil — dos quais 3 mil são médicos. Esses funcionários foram transferidos para outras

áreas da Prefeitura, como creches, ginásios de esporte e escolas.

A presidente do sindicato, Claudete Alves de Sousa, diz que os profissionais estão deslocados. "A Prefeitura contratou outras pessoas para as cooperativas, sem experiência." De acordo com ela, os gastos com os funcionários transferidos podem chegar a R\$ 13 milhões.

Para o secretário da Saúde, os números do sindicato estão errados. Richter conta que, dos 38 mil funcionários da secretaria, 10 mil aderiram ao PAS; 9 mil não aderiram, mas continuam exercendo suas atividades, fazendo parte de campanhas e outras iniciativas; e 2 mil pediram exoneração ou licença sem remuneração. "Os transferidos chegam a 17 mil e estão trabalhando em outras áreas."

## População faz elogio à melhora de atendimento

*Tempo de espera ainda é considerado longo, mas, para a maioria, gestão da rede de saúde melhorou*

O Hospital José Soares Hungria, em Pirituba, Zona Oeste, mudou bastante desde janeiro, quando se tornou unidade piloto do Plano de Atendimento à Saúde (PAS). O ritmo de atendimento é tranqüilo e quase todas as pessoas entrevistadas pelo Estado elogiaram o sistema. Nos postos de saúde da Capital, porém, ainda há problemas.

O módulo de Pirituba/Perus é composto por hospital, pronto-socorro e ambulatórios. É hoje o responsável pelo maior número de pessoas atendidas da cidade: cerca de 120 mil por mês.

Quem usa o sistema na região não hesita em traçar um divisor entre o período anterior ao PAS e agora. Todos dizem que o atendimento está melhor, mas ainda fazem algumas críticas, como o tempo de espera.

"Acho que é porque tem muita gente", diz a dona de casa Eliane Ferreira, que foi ao local com a filha Débora, de 2 anos. Para o aposentado Nilson de Souza, o único "problema" é a demora para marcar exames. "Mas o restante está ótimo."

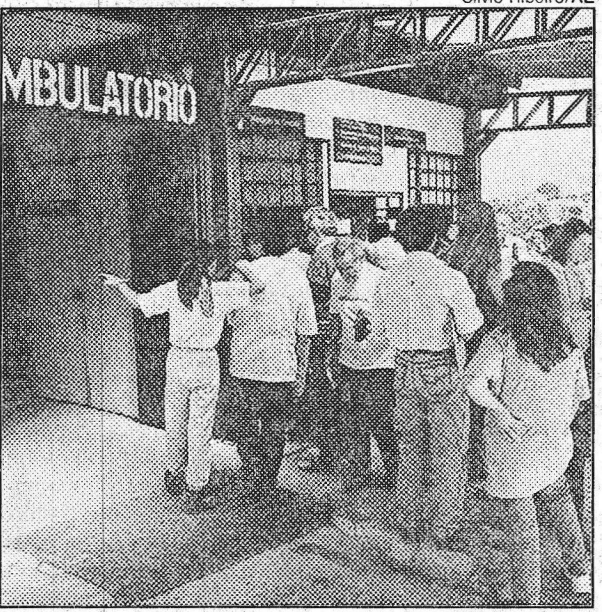
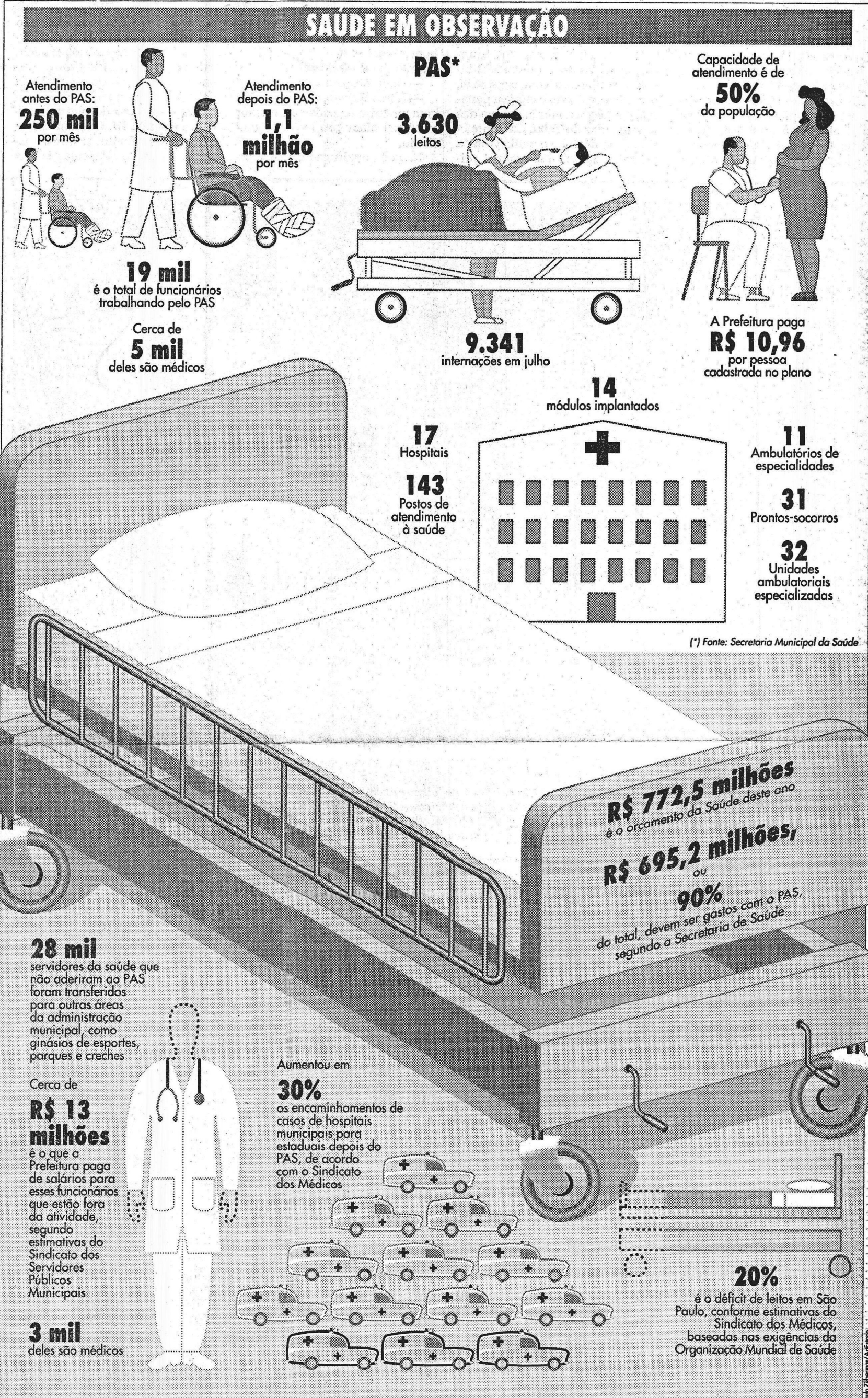
Nos postos de atendimento médico dos bairros, a espera é um pouco maior. A camareira Édna Aparecida Ferreira chegou às 7 horas de quinta-feira ao posto do Jardim Vista Alegre, Zona Norte, para passar pelo ginecologista, esperou até às 10 horas e foi avisada para retornar depois das 13, porque não havia vagas.

A tarde, depois de esperar duas

horas, Édna foi atendida. A consulta demorou 7 minutos. "Fiz um exame papa-nicolau, mas o resultado só vai sair no dia 30 de outubro."

A dona de casa Regiane Bruno Pereira procurou o posto de atendimento da Liberdade em maio, mas não conseguiu fazer o menino Diego, de 7 meses, passar pelo pediatra. "Não tinha vaga, esperei bastante e me encaixaram." O garoto foi encaminhado para o Hospital Menino Jesus, no Centro, onde passou por outro pediatra. "Aqui o atendimento é muito bom", diz Regiane. (M.V.)

**Leia amanhã**  
*Os planos dos principais  
candidatos à Prefeitura  
para o setor de saúde*



Silvio Ribeiro/AE

Hospital em Pirituba: recorde de atendimentos



Silvio Ribeiro/AE

Jardim Vista Alegre: tempo de espera maior

## Programa vai passar por ajustes

O secretário municipal da Saúde, Paulo Roberto Richter, se diz orgulhoso da procura pelo Plano de Atendimento à Saúde (PAS), mas avisa que o sistema ainda vai passar por alguns ajustes. "Ele está totalmente instalado e outubro é o prazo para que ele funcione bem, definitivamente, em toda a cidade", afirma.

Segundo Richter, cerca de 85% das pessoas que usam o sistema consideram o atendimento bom ou ótimo. "O índice de satisfação é muito grande e essa é nossa meta", diz.

Richter afirma que a rede municipal de saúde está assumindo

procedimentos médicos complexos, como cesarianas, mas com economia. Também diz que a secretaria continua com outros programas, como campanhas de vacinação e prevenção, de auditoria do sistema e de hospitais-dia.

Para o secretário, o problema da pasta era o atendimento hospitalar. Ele defende que o sistema anterior (no qual a Prefeitura pagava ao médico por paciente tratado, seguindo uma tabela de procedimentos), incentivava a corrupção e o desperdício de verbas. "Nós ensinamos aos médicos que economia aumenta a produtividade." (M.V.)